

Deficiência e exclusão social: o papel da representação no contexto dos museus

Patrícia Roque Martins, Alice Lucas Semedo

1 Investigadora FCT, CITCEM/FLUP, Porto, Portugal, E-mail: patricia.roque.martins@gmail.com; 2 Professora Auxiliar, CITCEM/FLUP Porto, Portugal.

Resumo: Este artigo tem como ponto de partida a investigação de pós-doutoramento “A Representação da Deficiência nas Coleções dos Museus da DGPC: discurso, identidades e sentido de pertença” (FCT: SFRH/BPD/110497/2015) em desenvolvimento no Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras do Porto e na Direção Geral do Património Cultural. O texto centra-se na problemática da deficiência e da exclusão social, prestando especial atenção à relação entre a função social dos museus, a inclusão e o combate às desigualdades sociais. A questão da deficiência será analisada enquanto fenómeno social, problematizando-se a criação de identidades e categorias sociais que corroboram a discriminação das pessoas com deficiência, limitando a sua participação social. Parte-se da perspectiva de que as narrativas culturais públicas da deficiência - habitualmente ancoradas em significados negativos e pejorativos -, criam equívocos sobre a realidade das pessoas com deficiência. Se, por um lado, esses significados restringem a forma como a sociedade se relaciona com a deficiência, por outro, conduzem à própria dissociação identitária deste grupo social.

Palavras-chave: deficiência, exclusão social, identidade, museus, representação.

Title: Disability and social exclusion: the role of representation in the museum context

Abstract: This article has its starting point on the postdoctoral research “The Representation Disability in the Museum’s Collections of DGPC: discourse, identities and sense of belonging” (FCT: SFRH / BPD / 110497/2015) under development in the Department of Sciences and Heritage Techniques of the Faculty of Letters of Porto and the General Directorate of Cultural Heritage. The text focuses on the problem of disability and social exclusion, paying particular attention to the relationship between the social function of museums, inclusion and combating social inequalities. The issue of disability will be analysed as a social phenomenon, problematizing the creation of social identities and categories that supported the discrimination of disabled people, limiting their social participation. The public cultural narratives of disability - usually within negative and pejorative meanings - create misconceptions about the reality of people with disabilities. If, on the one hand, these meanings restrict the way how society relates to disability, on the other hand, they lead to the identity’s dissociation of this social group.

Keywords: disability, social exclusion, identity, museums, representation.

Título: Deficiencia y exclusión social: el papel de la representación en el contexto de los museos

Resumen: Este artículo tiene como punto de partida la investigación de postdoctorado “La Representación de la Deficiencia en las Colecciones de los Museos de la DGPC: discurso, identidades y sentido de pertenencia” (FCT: SFRH / BPD / 110497/2015) en desarrollo en el Departamento de Ciencias y Técnicas del Patrimonio de la Facultad de Letras de Oporto y en la Dirección General del Patrimonio Cultural. El texto se centra en la problemática de la deficiencia y la exclusión social, prestando especial atención a la relación entre la función social de los museos, la inclusión y el combate a las desigualdades sociales. La cuestión de la deficiencia se analizará como fenómeno social, problematizando la creación de identidades y categorías sociales que corroboran la discriminación de las personas con deficiencia, limitando su participación social. Se parte de la perspectiva de que las narraciones culturales públicas de la discapacidad - habitualmente ancladas en significados negativos y peyorativos-, crean equívocos sobre la realidad de las personas con deficiencia. Si, por un lado, esos significados restringen la forma en que la sociedad se relaciona con la deficiencia, por otra, conduce a la propia disociación identitaria de este grupo social.

Palabras clave: deficiencia, exclusión social, identidad, museos, representación.

1. Introdução

A representação social que as sociedades têm das pessoas com deficiência, ao longo dos tempos, é um obstáculo à participação plena das mesmas na sociedade, mesmo nos países ocidentais da atualidade dirigidos por orientações anti-discriminatórias voltadas para a igualdade de oportunidades. Em Portugal, os limites impostos às oportunidades de participação social das pessoas com deficiência são o principal problema que afeta o decurso das suas vidas (Pinto, 2012, Portugal, 2010), apesar da crescente regulamentação legal ancorada na remoção de barreiras físicas e de interação comunicativa de acesso aos espaços públicos, culturais e de lazer.

Atualmente, os museus são considerados espaços fundamentais para a inclusão das pessoas com deficiência na sociedade, estando implicados no seu processo global, através das práticas que exercem no sentido de contribuírem para a participação social das mesmas (Dodd *et al.*, 2001). Efetivamente, um pouco por toda a parte, mudanças significativas têm ocorrido no sector museológico, desenvolvendo-se diversas ações que eliminam as barreiras de acesso aos museus, criando-se novas condições de acesso físico, novos programas educativos, novos recursos de interação comunicativa, novos percursos expositivos e promovendo-se novas competências aos profissionais dos museus.

Existem alguns museus que adotaram estratégias de inclusão de públicos com deficiência no acesso às suas coleções e exposições, promovendo práticas e metodologias significativas para a sua participação, servindo, também, de modelo prático a outros museus ou instituições culturais. Ademais, contribuíram para dar maior visibilidade às pessoas com deficiência, sendo notório na apresentação de vídeos e de imagens nos seus *websites* que incluem pessoas com deficiência, contando experiências e exprimindo opiniões sobre determinados objetos das coleções ou sobre equipamentos e recursos acessíveis ao longo das suas exposições.

Exemplo disso são os museus norte-americanos. Casos como o *Whitney Museum of American Art* especializado no acesso das pessoas da comunidade Surda, desenvolvendo visitas mediadas por pessoas surdas em *American Sign Language*; o *Museum of Modern Art* (MoMA), que através do projeto *MoMA Alzheimer's Project Exchange*¹, causou um grande impacto junto dos doentes de Alzheimer, seus familiares, profissionais da saúde e profissionais dos museus. A associação *Art Beyond Sight* especializada na formação de profissionais de museus nas questões relacionadas com o acesso das pessoas com deficiência visual aos museus de arte, desenvolvendo modelos educativos e tutoriais on-line². Nos museus ingleses, também, se encontram diversos exemplos. O *Victoria & Albert Museum*, que apresenta ao longo das suas exposições dispositivos de acesso destinados aos públicos com deficiência visual, incluindo informações em braille e impressão ampliada, réplicas e peças disponíveis ao tato. O *British Museum* que soluciona as questões de acesso, sobretudo, através das atividades *Hands on*, dedicadas à exploração tátil de objetos da coleção ou de instrumentos relacionados com as mesmas. Tem, também, áudio-guias com informações em áudio-descrição sobre cerca de 200 peças da sua coleção para as pessoas com deficiência visual. A *Royal Academy of Arts* desenvolve oficinas de criação plástica sobre as suas exposições mediadas por pessoas com deficiência, como pessoas cegas ou com baixa-

¹ cf. <https://www.moma.org/meetme/index> (Acedido em 5 de julho de 2017).

² cf. <http://www.artbeyondsight.org/> (Acedido em 5 de julho de 2017).

visão. Nos museus franceses, o caso paradigmático do *Musée du Quai Branly* que organiza, anualmente, as “jornadas da acessibilidade” promovendo programação diversa destinada às pessoas com deficiência e ao público em geral, com o objetivo de promover a sensibilização social para a deficiência. Nos museus espanhóis, o exemplo do *Museo Thyssen-Bornemisza* que desenvolve o “laboratório da diversidade” para fomentar a investigação e o conhecimento entre os profissionais dos museus, associações culturais e instituições sociais e da saúde, em torno de questões relacionadas com a inclusão social. Nos museus brasileiros, o caso da Pinacoteca do Estado de São Paulo dispondo de diversos instrumentos multissensoriais de acesso das pessoas com deficiência visual, explorando diferentes metodologias de acesso e de interação com a coleção (Martins, 2017).

Não obstante, o acesso das pessoas com deficiência aos museus continua a ser efetuado de forma desigual, sendo poucas as instituições que assumem um posicionamento holístico inclusivo na planificação e apresentação dos seus serviços (Hollins, 2010). As pessoas com deficiência continuam a estar “sub-representadas, tanto na perspetiva das coleções e das exposições, como da fraca presença de pessoas com deficiência/incapacitadas como visitantes ou funcionários dos museus” (Martins, 2017, 199). Esta situação, tem levado a alguns investigadores no campo da deficiência e da museologia a considerar que a eliminação das barreiras físicas, a criação de recursos de interação comunicativa ou de atividades educativas destinadas às pessoas com deficiência - apesar de permitirem o acesso ao museu - não solucionam o problema de exclusão cultural das pessoas com deficiência. Efetivamente, autores como Dood (2001), Sandell (2007) e Barnes (2010) consideram que a principal barreira que afeta e dificulta a sua participação social assenta nos valores culturais e no preconceito da sociedade em torno da deficiência, impedindo a sua inclusão plena. E, assim, contribuindo para a sua permanente discriminação e exclusão social.

Neste sentido, este artigo, tem o objetivo de proceder à identificação de vias possíveis aos museus que contribuam para uma maior inclusão das pessoas com deficiência na sociedade, partindo de questões relacionadas com a identidade e a representação da deficiência em associação ao potencial das coleções dos museus para contestar os valores culturais que sustentam a sua opressão social.

2. Enquadramento Teórico

O modelo social da deficiência foi desenvolvido na América do Norte, durante os anos 1980, por académicos e ativistas da deficiência que procuravam contestar as práticas sociais que impediam as pessoas com deficiência de ter uma participação ativa na vida em sociedade, em igualdade de circunstâncias comparativamente com a maioria dos cidadãos. Este modelo, opôs-se a uma visão médica-assistencialista da deficiência para a posicionar numa questão de direitos humanos, considerando que são as práticas sociais e os ambientes com barreiras os principais motivos que impedem participação plena das pessoas com deficiência na sociedade. Assim, o modelo social da deficiência defendeu a ideia de que é a sociedade e o seu ambiente que têm de se adaptar aos requisitos das pessoas com deficiência, não sendo a deficiência, em si, o principal impedimento à sua participação (Oliver, 1996).

Desta forma, a Organização Mundial da Saúde, em 2001, baseia-se no “modelo social da deficiência” para definir a nova Classificação Internacional de Funcionalidade e Incapacidades, reforçando a impacto da sociedade e dos ambientes na qualidade de vida

das pessoas com deficiência. Assim, considera que “um ambiente com barreiras, ou sem facilitadores, vai restringir o desempenho do indivíduo; outros ambientes mais facilitadores podem melhorar o seu desempenho. A sociedade pode limitar o desempenho de um indivíduo criando barreiras (e.g., prédios inacessíveis) ou não fornecendo facilitadores (e.g. indisponibilidade de dispositivos de auxílio)” (OMS. 2004, 19).

Ultimamente, no campo académico dos estudos da deficiência surgiu uma outra corrente, que fortaleceu as conceções teóricas existentes no “modelo social da deficiência”, direcionando-o para perspetivas inovadoras. Os *critical disability studies*, são uma nova área de investigação que reconhecem, por um lado, a importância do “modelo social da deficiência” na reorganização da vida social e na emancipação das pessoas com deficiência, por outro, questionam a sua eficácia na contestação das atitudes, dos valores e dos preconceitos que sustentam a discriminação e a opressão social que continuam a afetar as suas vidas:

The determined promotion of the SMD [social model of disability] has resulted in considerable material gains for disabled people insofar as many countries have passed dedicated legislation that undercuts discrimination and undoubtedly leads to a more inclusive organization of social life. Whilst grounding a revalorization of people with disabilities, however, the changes do not necessarily contest the underlying attitudes, values and subconscious prejudices and fears that ground a persistent, albeit often unspoken, intolerance. In other words, in the psychosocial imaginary, morphological imperfection is still disavowed (Shildrick, 2012, p.30).

Desta forma, os *critical disability studies* não analisam a organização social existente na natureza da deficiência no âmbito das estruturas normativas de integração. Interessam-se, sim, por abordar questões relacionadas com a representação, identidade, ativismo e seu impacto na humanidade. Propõem formas de criticar o “como” e o “por que razão” certas definições sobre a deficiência foram criadas e perpetuadas, procurando transformar a natureza dos obstáculos que, até então, não têm sido reconhecidos como fundamentais para a mudança social. Ao mesmo tempo que criticam o modo como o imaginário sociocultural da atualidade, enraizado num discurso binário modernista baseado na divisão clássica entre “pessoas com deficiência” e “pessoas sem deficiência”, molda as atitudes e os valores diários da sociedade perante as pessoas com deficiência. (Idem, p.31).

Diversos investigadores apontam para a falta de reconhecimento de uma identidade e cultura própria das pessoas com deficiência como sendo uma das causas para a manutenção da sua exclusão social. Barnes (2010, p.181) apontou para a ideia de que ter uma deficiência ou ser incapacitado é ter uma identidade cultural concreta que precisa de ser desenvolvida e promovida. Parson (2012, p.165) considerou que existem outras formas de opressão que restringem a participação social, que estão para além das barreiras estruturais e de acesso aos espaços físicos, sociais e culturais. Lawson (2001, p.212) concluiu que as questões de identidade das pessoas com deficiência ainda estão por resolver. Efetivamente, este grupo raramente é compreendido como minoria social, com uma cultura particular e identidade coletiva, contrariamente ao que acontece com outros grupos, como por exemplo, em termos de género, sexualidade e etnia, que têm assistido ao reconhecimento social da sua identidade. Também, McRuer (2006) enquadra a deficiência no âmbito da diversidade identitária, argumentando o seu reconhecimento, valorização e celebração.

É neste enquadramento que surge um novo conceito ligado à deficiência - a “*disability culture*” para interpretar a deficiência enquanto aspeto positivo da diversidade humana, opondo-se à perspetiva negativa e trágica da deficiência. Desta forma, o conceito “*disability culture*” apoia-se na ideia de que, independentemente da natureza de cada deficiência, a experiência de vida das pessoas com deficiência reflete problemáticas similares engajadas em classificações sociais e em reações negativas sobre a sua identidade. A opressão social, a marginalização e a exclusão enfrentadas pelas pessoas com deficiência tem contribuído para o crescimento de laços e para o reconhecimento de uma identidade comum entre as pessoas que fazem parte deste grupo. O desenvolvimento dessa identidade parte da perspetiva de que as pessoas com deficiência devem manter-se unidas na luta pelos direitos humanos e no combate ao preconceito social em torno da deficiência (Paul *et al.* 2005).

Efetivamente, em alguns países anglo-saxónicos, como os Estados Unidos da América, Inglaterra e Austrália, o uso do termo “*disability culture*”, tem servido para reconhecer que as pessoas com deficiência são uma minoria social, embora o conceito que sustenta a sua identidade e cultura específica divirja do paradigma comum que sustenta o conceito lato de grupo social. O conceito “*disability culture*” não se refere a um grupo social coeso, como acontece com grande parte das minorias sociais, mas, antes, a um grupo constituído por pessoas com diversas deficiências, com diferentes objetivos e especificidades de acesso.

Nesses países, a celebração do Mês da História da Deficiência, entre 22 de Novembro e 22 de Dezembro, tem servido para promover a identidade das pessoas com deficiência, valorizando o orgulho na deficiência e promovendo a aceitação da diversidade social. Este evento anual, caracteriza-se por apoiar a divulgação dos principais acontecimentos e os protagonistas que marcam a História e a Cultura da Deficiência em todo o mundo. Ao mesmo tempo, este dia comemorativo procura contestar os valores negativos ancorados ao tema.

Na arena da museologia, também, diversos investigadores têm defendido a ideia de que as instituições museológicas têm um papel primordial no desenvolvimento da “*disability culture*”. Tal ideia decorre do potencial dos museus para atuarem como espaços de valorização da identidade das pessoas com deficiência, através das suas práticas expositivas, interpretativas e educativas. Através das suas fontes históricas, os museus poderão contribuir para a formação de uma consciência atualizada em torno da identidade cultural das pessoas com deficiência, abordando temas das coleções que explorem o seu passado histórico e social (Dodd *et al.*, 2010; Hollins, 2010).

Silverman (2010, p.55) considerou que para se entender uma determinada cultura é fundamental transmitir às pessoas que a integram as narrativas e as experiências que compõem essa cultura. As representações de deficiência localizadas no contexto museológico são um dos aspetos fundamentais a ter em conta na formação de um “sentido de lugar” e na compreensão das pessoas com deficiência na sociedade. Essas representações têm, assim, impacto na diluição de práticas discriminatórias perante a incapacidade, mais do que a abolição das barreiras físicas. Assim sendo, sublinha a necessidade de compreender o modo como estes espaços atuam no exercício dessa tarefa, sendo expectável que a promoção da identidade cultural da deficiência seja concretizada dentro de uma perspetiva positiva. Contrariando, dessa forma, as relações existentes entre museus e as pessoas com deficiência caracterizadas maioritariamente por problemas de discriminação e de acesso, levando ao desenvolvimento de uma

identidade negativa em torno deste grupo. Um outro aspeto que salienta é o facto da falta de serviços e de recursos acessíveis refletir desigualdades de tratamento, como se as pessoas com deficiência fossem consideradas um grupo de cidadãos de “segunda classe”.

Também, Paul *et al.* (2005, p.111) considerou que a relação dos museus com a identidade cultural da deficiência deve, necessariamente, abordar o modo como estes estão organizados e nas formas como operam para representarem essa identidade cultural. Tal, implica refletir sobre as práticas museológicas, nomeadamente, no modo como os objetos das coleções são interpretados ou na forma como as exposições são organizadas e relacionadas com a deficiência, tendo um papel fundamental na mudança de pensamento dos visitantes sobre o assunto. O investigador aponta para o facto de a exploração de temas relacionados com a deficiência terem o potencial de gerar reflexões sobre questões de identidade e de discriminação que caracterizam os valores culturais e comportamentais da humanidade sobre este tema. Neste sentido, conclui que a ideia de um “museu inclusivo” incorpora o desafio de valorizar a diversidade humana nas políticas institucionais do museu, contribuindo para o desenvolvimento de identidades positivas, coerentes e coletivas em torno da cultura da deficiência.

Efetivamente, a identidade cultural é um assunto que carece de fortalecimento, sendo continuamente reforçado um estatuto social negativo tanto pelas instituições culturais como pelas práticas dos profissionais. A relação entre museus e a cultura da deficiência abre vias para a exploração de deficiência no campo da representação de imagens que contam histórias e interpretações da deficiência desde o passado histórico à atualidade. Essas imagens podem resultar na formação de novas consciências sobre a deficiência, contribuindo para o desenvolvimento de novas identidades sociais. Efetivamente, tornar visíveis as representações da deficiência presentes nas coleções dos museus pode levar ao desenvolvimento de laços culturais entre as pessoas com deficiência, independentemente da natureza da sua incapacidade.

Exemplo disso é o estudo de Annie Dellin, intitulado *Buried in the Footnotes: the representation of disabled people in museum and gallery collections* (2002). Este estudo teve como objetivo recolher e analisar a existência de referências relativas às pessoas com deficiência nas coleções dos museus de Inglaterra, tanto na perspetiva histórica como na atualidade. A investigadora concluiu que a representação das pessoas com deficiência no património histórico-artístico, suas histórias, experiências e vozes, tem sido descurada no discurso e na prática dos museus, corroborando a sua invisibilidade social e dissociação identitária.

Uma outra investigação desenvolvida pelo Research Center for Museums and Galleries, através do projeto *Rethinking Disability Representation in Museums and Galleries* teve o objetivo de transformar o modo como os museus interpretam e abordam a representação da deficiência nas exposições que organizam, apresentando objetos das suas coleções. O projeto foi desenvolvido em nove museus ingleses, nomeadamente, *Birmingham Museum and Art Gallery*; *Colchester Castle Museum*; *Glasgow Museum of Transport*; *Imperial War Museum London*; *Northampton Museum and Art Gallery*; *Royal London Hospital Archives and Museum*; *Stamford Museum*; *Tyne and Wear Museums*; *Whitby Museum* com o propósito de serem organizadas exposições sobre a deficiência, recorrendo aos objetos das suas coleções e à recolha de materiais relacionados com o tema. Assim, foram exploradas as perceções contemporâneas sobre a deficiência, incluindo fontes históricas, culturais e sociais (Dood *et al.*, 2008). Como também foram

realizados filmes e projetos de criação artística, apresentando testemunhos de pessoas com deficiência em torno de reflexões sobre como é viver com uma deficiência.

Um outro aspeto salientado por investigadores no campo da museologia e dos estudos da deficiência é a função da educação em museus na construção de identidades sociais, como é o caso da “*disabled identity*”. Lawson (2001) e Hein (2005) consideraram que a educação em museus pode ser uma das vias pelas quais se pode levar à reflexão dos visitantes sobre temas relacionados com as desigualdades e opressões sociais que enfrentam as minorias.

Por exemplo, o programa educativo desenvolvido no *Reynolds-Alberta Museum*, Canadá, *Examining Our Prejudice by Looking at America Art* assentava na exploração de quatro pinturas da sua coleção para gerar discussões junto dos visitantes relacionadas com o preconceito e, com isso, contribuir para a mudança de atitudes. Procurou, nomeadamente, abordar assuntos relacionados com etnia, género, religião, classe social, cultura ou idade, promovendo o conhecimento, a compreensão e valorização da diversidade cultural (Hutton *et al.*, 1997).

Também o projeto desenvolvido por Andreas Heinecke em 1989 *Dialogue in the Dark*, em modelo *franchising*, teve como objetivo sensibilizar o público para a questão da cegueira. Tendo estado presente em 32 países do mundo, este projeto desenvolve-se a partir da apresentação de uma exposição em que os visitantes são convidados a ter uma experiência no escuro, com a particularidade de serem guiados por pessoas cegas. Com esta experiência baseada na inversão de papéis sociais, em que pessoas cegas guiam pessoas que veem, procurou-se valorizar o conhecimento sensível sobre a cegueira colocando as pessoas sem deficiência numa situação de vulnerabilidade e de dependência. Posteriormente, o projeto foi alargado a outros temas, nomeadamente a exposição no silêncio *Dialogue in the Silence*, apresentada por pessoas surdas, para sensibilizar o público sobre o tema da surdez e sobre comunicação não verbal; e, ainda, a exposição sobre o envelhecimento *Dialogue with Time*, apresentada por pessoas seniores, propondo um jogo experimental de reflexão sobre as questões do envelhecimento. Cada exposição criou oportunidades de formação e de emprego, contratando pessoas cegas, pessoas da comunidade surda e pessoas seniores, que tinham como função a mediação de exposições³.

Neste sentido, a representação da deficiência em museus é considerada uma via pela qual os museus podem contestar e fazer refletir junto dos seus visitantes as práticas comuns de representar ou interpretar o tema da deficiência. Se, por um lado, a falta de exposições que representem e explorem a deficiência tem contribuído para a invisibilidade das pessoas com deficiência desde o seu passado histórico até à atualidade (Delin, 2002, p. 84), por outro lado, o estudo e o ensino dessas representações tem o potencial de aumentar a sensibilização e compreensão da deficiência enquanto questão cultural (Paul, 2005, p. 103), contribuindo para o desenvolvimento da “*disabled identity*”. Partindo de uma análise refletiva sobre o modo como a identidade das pessoas com deficiência tem sido construída socialmente, mais facilmente se posicionará o impacto que as atitudes têm nas práticas quotidianas geradoras de exclusão social.

3. Metodologia

Tomou-se como base o estudo de Hall sobre a “representação cultural e práticas significantes” (1997) para compreender quais as problemáticas que podem estar

³ cf. <http://www.dialogue-in-the-dark.com> (Acedido em 5 de julho de 2017).

associadas ao estudo da representação da deficiência em museus. De acordo com o mesmo a importância da representação nos objetos das coleções dos museus relaciona-se com o facto de ser um dos elementos chave do “circuito da cultura” na “partilha de significados” (Hall, 1997, p.223). Tal inclui a linguagem que incorpora o processo pelo qual o significado é produzido para transmitir ao outro, através de conceitos, ideias, imagens, objetos ou sentimentos. A representação relaciona-se com o modo como os “valores compartilhados” sobre determinado tema exerce influência na construção e na transmissão de significados comuns. Cada um dos significados produzidos, através de diversas práticas que compõem o “circuito cultural”, num determinado espaço e tempo, tiveram um papel preponderante na construção de identidades, na classificação da “diferença”, na produção, no consumo e na regulação da conduta social.

A este respeito, Kastrup dá o exemplo da pintura de Brugel, a *Parábola dos Cegos* do Século XVI:

“O quadro traz uma fileira de homens cegos, dotados de um olhar vazio e de um andar vacilante e inseguro. Vão amparados uns nos outros. Cegos conduzindo cegos, a impressão é que todos vão tombar num precipício. A parábola dos cegos é a parábola de uma conduta insensata, sob a égide do cegamento do espírito. A obra faz referência à heresia e ao distanciamento da fé religiosa, mas até hoje constitui uma imagem forte, que provoca arrepios e horror. Embora seja possível perceber mudanças na representação da cegueira na atualidade, ainda prevalece uma visão negativa, com ênfase na deficiência” (Kastrup *et al.*, 2010, p.32).

Assim, centrámo-nos na questão levantada por Hall: “A linguagem visual reflete a verdade sobre o mundo que já lá está, ou produz significados sobre o mundo, ao representá-lo?” (Idem, p.223), considerando que abre novas perspetivas no campo da representação da deficiência, nomeadamente, no modo como o discurso se relaciona com questões de poder. Neste sentido, é o discurso que influencia o modo como o senso comum representa e explora determinados assuntos, e os reflete nas práticas do quotidiano. Esta noção implicou considerar, no desenvolvimento da presente investigação, a importância que o discurso gera na produção do significado, mais do que atentar sobre como o significado está representado. Neste sentido, tomou-se por base a ideia de Hall, nomeadamente, de que a representação do significado é sempre dependente da preponderância do discurso (Ibidem).

Uma vez que o objetivo era averiguar a existência de elementos culturais relacionados com a deficiência nas coleções dos museus da DGPC, mais concretamente, objetos e interpretações associadas a este tema, a nossa fonte de dados foi o MatrizNet. Este instrumento de trabalho do sector patrimonial e museológico é constituído por um catálogo coletivo on-line dos Museus da administração central do Estado Português, tutelados pela DGPC, pelas Direções Regionais de Cultura do Norte, Centro e Alentejo, assim como pela Parques de Sintra – Monte da Lua. A DGPC tem a seu cargo quinze museus nacionais, com coleções de natureza diversa - como as artes plásticas, a arqueologia, a etnografia - e de diferentes épocas - desde a antiguidade à contemporaneidade. O Matriznet consiste num motor de pesquisa, permitindo a realização de pesquisas transversais nestes Museus para a recolha de informações sobre as suas coleções, por exemplo relativo a uma determinada autoria, tipologia ou período histórico, oferecendo três níveis distintos de pesquisa – simples, orientada e avançada.

Neste caso em concreto, dado não haver interesse numa pesquisa orientada por tema – uma vez que a deficiência não se encontra como opção, ou numa pesquisa

avançada, em torno de um determinado autor, tipologia ou período histórico, optou-se por fazer uma pesquisa simples, introduzindo termos relacionados com a deficiência.

4. Resultados e discussão

Numa primeira fase, a pesquisa por termos incidiu em termos comuns relacionados com a deficiência, como deficiente, cego, surdo, audição, visão, inválido, incapacitado etc., para se avançar numa pesquisa por termos relacionada com instrumentos de apoio à deficiência, como cadeira de rodas, bengala, braille, e de figuras bíblicas ligadas aos milagres de curas, como Santa Luzia, São Lourenço, São Paulo e São Tobias. No entanto, depressa se compreendeu que estes termos seriam insuficientes, acabando-se por introduzir termos com conotações negativas ou baseados em estereótipos para se alcançar um maior número de objetos. Assim foram, também, encontrados objetos sob os termos de pesquisa: aleijadinho, paralítico, anão, mendigo, perna e pau, entre outros. Estes objetos, tanto representam uma deficiência como se encontram associados a textos interpretativos que descrevem e interpretam os mesmos no inventário online Matriznet.

A partir desta pesquisa compreendeu-se que os museus nacionais, sob tutela da DGPC, têm nas suas coleções diversos objetos, de natureza e de diferentes épocas, que se relacionam com a deficiência, suportando múltiplos significados e interpretações sobre o tema. Desde a perspetiva histórica até à atualidade surgiram diversos significados sobre o tópico da deficiência, assim, como várias formas de a interpretar ou representar. Compreendeu-se que as representações da deficiência, tanto na história, na arte, na arqueologia, etnologia, têm sido utilizadas como veículos sociais para repercutir significados culturais em torno do tema, ao longo dos diversos contextos históricos.

Do conjunto dos museus da DGPC analisados foram encontrados os seguintes número de objetos ou textos que fazem referência à deficiência em cada um dos museus abaixo mencionados:

- Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves: 1
- Museu do Chiado - Museu Nacional de Arte Contemporânea: 8;
- Museu Grão Vasco: 7;
- Museu Nacional de Arqueologia: 30;
- Museu Nacional de Arte Antiga: 18;
- Museu Nacional do Azulejo: 22;
- Museu Nacional de Etnologia: 24;
- Museu Nacional Machado de Castro: 3;
- Museu Nacional Soares dos Reis: 5;
- Museu Nacional do Teatro: 22;
- Museu Nacional da Música: 5;
- Palácio Nacional da Ajuda: 10.

Observa-se que estes objetos se posicionam temporalmente e geograficamente em contextos diversos, indo desde a Idade do Ferro até à contemporaneidade. Tematicamente, localizam-se representações-tipo que se relacionam com a sua época de origem. Desta forma, na Idade do Ferro e na Antiguidade as representações encontradas nestes museus tendem a relacionar a deficiência com o mundo divino, sendo os objetos utilizados para evocar deuses através da representação de pessoas com deficiência. Tal ideia, encontra-se presente em diversas representações de figuras de “baixa estatura” em honra do deus Bes, frequentemente denominadas por “anões” nos textos interpretativos

dos museus. O Museu Nacional de Arqueologia é um caso exemplar, possuindo uma coleção extensa de amuletos e peças escultóricas subordinadas a este tema.

Figura 1 - Amuleto representando um Anão
Data: III a.C. - I a.C. Museu Nacional de Arqueologia



Fonte: <http://www.matriznet.dgpc.pt/>

No período do século XV ao século XVIII, as representações da deficiência presentes nos objetos das coleções destes museus, encontram-se maioritariamente associadas a objetivos religiosos em que a deficiência é colocada ao serviço do cristianismo. Durante este período, os objetos retratam, essencialmente, os “milagres de Cristo” e os “martírios dos santos”, sendo a deficiência explorada em episódios bíblicos para castigar ou curar determinadas personalidades. Surgem também, diversas representações que evocam santos padroeiros e seus atributos como é o caso de Santa Luzia, na cura da cegueira. Ainda, durante este período, também se encontram presentes nas coleções objetos “ex-votos”, sobretudo sob a forma de pintura. Na sua origem, estes objetos tinham como missão presentear um santo pela consagração de uma promessa de cura de uma doença ou deficiência de um fiel. A título de exemplo, apresentam-se alguns objetos da coleção do Museu Nacional do Azulejo que retratam alguns desses episódios, como a “Cura de um Doido”, a “Cura de o Paralítico de Bethesda” e a “Cura de um Cego”.

Figura 2. Cura de um Doido, Cura do Paralítico de Bethesda e Cura de um Cego
Data: 1740 – 1760. Museu Nacional do Azulejo



Fonte: <http://www.matriznet.dgpc.pt/>

Durante o período do século XVIII e durante o século XIX, encontram-se sobretudo representações de deficiência que retratam pessoas cegas ou com deficiência motora. Nestas representações, as pessoas com deficiência assumem papéis sociais essencialmente associados à indigência através de práticas de mendicância, ou expondo

situações de pobreza. Não foram encontradas representações de pessoas com deficiência a exercer um determinado ofício. Como exemplo, apresenta-se uma pintura da coleção do Museu Nacional de Arte Contemporânea, representando um homem cego, cujo título da peça *Mendigo Cego e um rapaz* evoca o seu estatuto social.

Figura 3. Mendigo Cego e um rapaz

Autor: Ferdinand Krumholz. Data: 1847. Museu Nacional de Arte Contemporânea



Fonte: <http://www.matriznet.dgpc.pt/>

Durante o século XX, as representações da deficiência encontradas relacionam-se com a participação em guerras, retratando militares que adquiriram deficiência ou militares feridos em recuperação em enfermarias. Também, durante este período, a deficiência é utilizada enquanto objeto caricatural, sugerindo expressões de natureza cómico-trágica, mantendo-se associada a atos de mendigar. O objeto da coleção do Museu Nacional de Etnologia, *Aleijadinhos a pedir*, evoca essa natureza, sobretudo a partir do seu título pelo uso do adjetivo “aleijadinhos” associado à palavra “pedir”.

Figura 4. Aleijadinhos a pedir
Século XX. Museu Nacional de Etnologia



Fonte: <http://www.matriznet.dgpc.pt/>

De uma forma geral, as representações da deficiência nos objetos das coleções dos museus da DGPC tendem a representar o tema de uma forma bastante negativa, quer através das imagens, dos títulos dos objetos e dos seus textos interpretativos. Essas representações tendem a acentuar a incapacidade enquanto problema social de exclusão ou de alteridade, sendo as pessoas com deficiência representadas como sujeitos passivos, dependentes, para suscitar sentimentos de medo, de piedade ou de escárnio. Podemos considerar que estes objetos resultaram do preconceito dos seus autores e/ ou

encomendadores que, não sendo pessoas com deficiência, transmitiram a sua visão sobre a “diferença”, representando o “outro” de forma diminuída. Desta forma, as pessoas com deficiência foram utilizadas como objetos culturais e representadas através de estereótipos (Barnes, 2010, p.187, Sandell, 2007, p.143). Tal indica que o modo como a deficiência está representada no património histórico-artístico da DGPC resulta daquilo que se considera ser socialmente aceite para representar a deficiência, enquanto produto do imaginário psicossocial de uma determinada época.

Outro aspeto a considerar no desenvolvimento desta investigação foi o facto de não terem sido encontrados indícios de artistas com deficiência ou de trabalhos seus representados nas coleções destes museus. Tal ideia, poderá direcionar-nos para uma outra problemática, assente no modo como as pessoas com deficiência têm sido afastadas do processo criativo, não participando ativamente na sua produção e na sua comunicação. Igualmente, não decidiram como queriam ser representadas. Pelo contrário, as mais comuns representações revelam falta de sensibilização sobre o tema, servindo para representar as pessoas com deficiência de forma indigna, sem abordar a sua realidade de vida ou os problemas sociais que enfrentam ao longo dos tempos (Paul *et al.* 2005, p.103). Igualmente, se tornou evidente a necessidade dos termos e das interpretações apresentados nos textos interpretativos do inventário MatrizNet, sobre a deficiência, serem alterados para contribuírem para o reposicionamento das pessoas com deficiência na história e na arte de uma forma mais valorizada.

5. Conclusão

Ao longo dos tempos, o tema da deficiência tem estado presente em diversas representações através da história, história da arte, arqueologia, etnografia, entre outras. Como tal, muitos museus têm nas suas coleções objetos que abordam este assunto, possibilitando uma maior compreensão sobre o modo como a deficiência foi interpretada nos diferentes contextos sociais. Em Portugal, os museus nacionais sob tutela da DGPC são disso exemplo, apresentando nas suas coleções um conjunto de objetos relacionados com a deficiência. Nestas representações, a deficiência é explorada de forma bastante negativa, contribuindo para o desenvolvimento de identidades indignas em torno das pessoas com deficiência e para a transmissão de significados pejorativos em torno deste assunto.

Inevitavelmente, as mensagens implícitas nas representações da deficiência acabam por gerar efeitos práticos na realidade de vida das pessoas com deficiência, nomeadamente, no modo como as políticas públicas, económicas e sociais se desenvolvem, tanto no passado como no presente. Mais do que as barreiras físicas ou de interação comunicativa, as atitudes negativas em torno das pessoas com deficiência são atualmente consideradas como um dos principais obstáculos à sua participação plena na sociedade.

Porém, o estudo da representação da deficiência na análise dos discursos presentes nos objetos das coleções dos museus afigura-se como uma das vias possíveis para gerar um melhor entendimento sobre as pessoas com deficiência na sociedade. O desenvolvimento de uma identidade cultural específica fundamenta-se no conhecimento do seu passado histórico e da sua realidade atual, para reconfigurar a deficiência enquanto fenómeno de construção social.

Explorar a representação da deficiência em museus possibilita o desenvolvimento de novas perspetivas para olhar o património histórico-artístico, especialmente, na forma

como as narrativas públicas sobre a deficiência têm contribuído para a criação e persistência de determinados valores culturais em torno do assunto. Neste sentido, a representação da deficiência em museus terá uma função social fundamental, dando visibilidade ao modo como o imaginário sociocultural da humanidade tem sido desenvolvido em torno de estereótipos e de preconceitos. Efetivamente, é este imaginário que molda as atitudes e os valores diários nas relações sociais entre pessoas com e sem deficiência.

Assim, a interpretação dos objetos da coleção dos museus que representam a deficiência pode ter um papel fundamental na mudança social, contribuindo para uma melhor compreensão sobre a razão pela qual as pessoas com deficiência são excluídas da sociedade. Esta noção, permite considerar o impacto que as práticas da representação em museus geram na transformação coletiva da sociedade mais do que, propriamente, a eliminação de barreiras físicas ou comunicativas. O contexto dos museus cria melhores oportunidades de participação das pessoas com deficiência, se as suas estratégias de representação forem melhoradas.

Como tal, considera-se que a abordagem à representação da deficiência em museus tem um papel primordial na mudança de atitudes da sociedade na sua relação com a deficiência. Indo ao encontro da missão fundamental dos museus, colocando-o ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento (ICOM, 2017). Efetivamente, a abordagem à representação da deficiência é um novo desafio aos museus para alcançarem o seu compromisso social no desenvolvimento de uma sociedade mais inclusiva, influenciando e promovendo novas formas de pensar sobre o tema.

6. Referências

- Barnes, C. & Mercer, G. (2010). *Exploring Disability. A Sociological Introduction*. Cambridge: Polity Press.
- Dodd, J. & R. Sandell. (2001). *Including Museums*. Leicester: RCMG.
- Dodd, J., C. Jones, D. Jolly & R. Sandell. (2008). *Rethinking Disability Representation in Museums and Galleries*. Leicester: RCMG.
- Falk, J. (2009). *Identity and the Museums Experience Visitor*. Walnut Creek, CA: Left Cost Press.
- Portugal, Silvia (coord). (2010). *Estudo De Avaliação Do Impacto Dos Custos Financeiros E Sociais Da Deficiência, Relatório Final*. Coimbra: Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.
- Clarke, K., Randall, D., Rouncefield, M. & Sommerville, I. (2004). The anti-social model of disability. *Disability & Society* Volume 19, Issue 2, 145-158. DOI:10.1080/0968759042000181776.
- Conselho da Europa. 2006. *Plano de Acção do Conselho da Europa para promover os direitos e a total participação das pessoas com deficiência/incapacidade na sociedade: melhorando a sua qualidade de vida na Europa de 2006-2015*.
- Crooke, E. (2007). *Museums and Community. Ideas, Issues and Challenges*. Oxon: Routledge.
- Delin, A. (2002). Buried in the footnotes: the absence of disabled people in the collective imagery of our past. *Museums, Society, Inequality*, Ed. Richard Sandell, 84-97. London: Routledge.
- Dodd, J., Sandell, R., & Garland-Thomson R. (2010). *Re-Presenting Disability: Activism and Agency in Museums*. London: Routledge.
- Hall, S. (1997). *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. London: Gage publications.
- Hein, G. E. (2005). The Role of Museums in Society: Education and Social Action. *Curator: The Museum Journal*, 48, 4, 357-363.

- Hollins, H. (2010). Reciprocity, accountability, empowerment: emancipatory principals and practices in the museum. *Re-Presenting Disability Activism and Agency in The Museum*, Ed. R. Sandell, J. Dodd & R. Garland-Thomson, 213-227. London: Routledge.
- Hutton, K. & Urbanska, W. (1997). Examining Prejudice Through Art: Reynolds House Museum of American Art. *Art Education*, Vol. 50, No. 5, 25-48.
- ICOM. (2017). *ICOM Code of Ethics for Museums*. France: International Council of Museums (ICOM).
- Kastrup, V. (2010). Atualizando virtualidades: construindo a articulação entre arte e deficiência visual. *Exercícios de ver e de não ver: arte e pesquisa COM pessoas com deficiência visual*, Ed. Márcia Moraes & Virgínia Kastrup, 32-46. Rio de Janeiro: Nau Editor
- Lawson, J. (2001). Disability as a Cultural Identity. *International Studies in Sociology of Education*, 11, 3, 203-222. DOI: 10.1080/09620210100200076
- Martins, B. S. (2006). *E se Eu Fosse Cego?: narrativas silenciadas da deficiência*. Porto: Afrontamento.
- Martins, B. S. (2010). Deficiência e Política: vidas subjugadas, narrativas insurgentes, *Exercícios de ver e de não ver*, Ed. Márcia Moraes & Virgínia Kastrup. Rio de Janeiro: Nau, 240-263.
- Martins, B. S., Fontes F., Hespanha P. & Berg, A. (2012) A emancipação dos estudos da deficiência, *Revista Crítica de Ciências Sociais [Online]*, 98, posto online no dia 06 Junho 2013. DOI: 10.4000/rccs.5014, disponível em <http://rccs.revues.org/5014>.
- Martins, P. R. (2017). *Museus (In) Capacitantes. Deficiência, Acessibilidades e Inclusão em Museus de Arte*. Lisboa: Editora Caleidoscópio.
- McRuer, R. (2006). *Crip Theory. Cultural Signs of Queerness and Disability*. New York: New York University Press.
- Mineiro, C. (coord). (2004). *Museus e Acessibilidade: Temas de Museologia*. Lisboa: IPM.
- Oliver, M. (1996). *Understanding Disability: From Theory to Practice*. New York: Palgrave Macmillan.
- OMS. (2004). *Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde*, Direcção Geral da Saúde: Lisboa.
- Parson, K. (2012). The Experience of Speech Impairment, *The Routledge Handbook of Disability Studies*, Ed. Nick Watson, Alan Roulstone e Carol Thomas, 165 – 177, Oxon: Routledge.
- Paul, T., Jaeger, C. & Bowman, B. (2005). *Understanding Disability. Inclusion, Access, Diversity, and Civil Rights*. Westport: Praeger Publishers.
- Pinto, P. (coord). (2012). *DRPI - Portugal Relatório Final*. Lisboa: Disability Rights Promotion International Portugal (DRPI - Portugal).
- Sandell, R. (2007). *Museums, Prejudice and the Reframing of Difference*. Oxon: Routledge.
- Shildrick, M. (2012). Critical Disabilities Studies Rethinking the conventions for the age of postmodernity, *The Routledge Handbook of Disability Studies*, Watson, Ed. N., Roulstone, A. e Thomas, C., 30-41, Oxon: Routledge.
- Silverman, L. H. (2010). *The Social Work of Museums*. Oxon: Routledge.
- Thumim, N. (2010). Self-representation in museums: therapy or democracy?. *Critical Discourse Studies*, Vol. 7, No.4, 291-304. Routledge.
- Whitehead, C., Mason, R., Eckersley, S., & Lloyd K., (Ed). (2013). *Museums and Identity in History and Contemporaneity*. Milan: Politecnico di Milano.